
CONHECIMENTO E USO DO BABAÇU (*ATTALEA SPECIOSA* MART.) POR QUILOMBOLAS EM MATO GROSSO*

JOARI COSTA DE ARRUDA**
CAROLINA JOANA DA SILVA***
NILO LEAL SANDER****

Resumo: *a pesquisa visou estudar o Conhecimento e uso de palmeiras pelos quilombolas do Guaporé, com o uso das seguintes técnicas: bola de neve, lista livre e observação participante. A pesquisa envolveu três comunidades e 32 entrevistados. As categorias de uso do babaçu foram sete: alimento, habitação, artesanato, combustível, medicinal, cosmético e adubo, indicando uma alternativa econômica para as comunidades.*

Palavras-chave: *Amazônia. Quilombolas. Arecaceae.*

As palmeiras apresentam ampla distribuição, ocorrendo principalmente nos trópicos e subtropicais, sendo raras nas regiões desértica e polar. Exibem hábitos variados do tipo acaule, estipes de médio e grande porte solitário ou cespitoso e lianas com ou sem espinhos no caule e folhas. Resistem a longos períodos de estiagem e incêndios ocasionais, mas raramente suportam a neve. (HENDERSAN, 1995; MARTINS, 2001).

A família *Arecaceae* registra aproximadamente 240 gêneros e 2700 espécies no mundo (LORENZI *et al.* 2010), das quais ocorrem no Brasil 39 gêneros e 264 espécies, sendo 109 endêmicas (LEITMAN *et al.* 2013). Segundo os autores, muitas outras espécies estão por ser

* Recebido em: 25.02.2014. Aprovado em: 10.03.2014.

** Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso - pesquisador Rede Bionorte - Projeto CONBio - Amazônia Meridional - Centro de Pesquisas de Limnologia, Biodiversidade e Etnobiologia do Pantanal - CELBE - Pantanal, Cáceres, MT. *E-mail:* arrudajcbio@gmail.com.

*** Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais na Universidade Federal de São Carlos. Professora do Programa de Pós- Graduação em Ciências Ambientais (UNEMAT- campus Cáceres - MT) - Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal - Rede Bionorte. Coordenadora do Projeto CONBio - Amazônia Meridional e do Centro de Pesquisas de Limnologia, Biodiversidade e Etnobiologia do Pantanal - CELBE - Pantanal, Cáceres, MT.

**** Mestrando em Ciências Ambientais na Universidade do Estado de Mato Grosso - pesquisador da Rede Bionorte - Projeto CONBio - Amazônia Meridional - Centro de Pesquisas de Limnologia, Biodiversidade e Etnobiologia do Pantanal - CELBE -Pantanal, Cáceres, MT.

descritas, pois existem ainda muitas áreas a ser explorada, a exemplo da Floresta Amazônica.

São produtos não madeireiros, de maior interesse para a sobrevivência e a subsistência do homem na Amazônia ou, ainda, para fins de comercialização. Das 264 espécies encontradas no Brasil, o ecossistema Amazônico e Cerrado registram o maior número de espécies, 146 e 82 respectivamente. No estado de Mato Grosso são registradas 44 espécies destas, condição esta que coloca o estado na sexta posição no país em número de espécies, após os estados: Amazônia 111, Pará 72, Acre 75, Bahia 62 e Minas Gerais 55 (LEITMAN *et al.*, 2013).

As *Arecaceae* destacam-se quanto ao potencial ecológico econômico, pois além do uso do fruto e palmito na alimentação *in natura* ou processados como doces, bebidas, óleos e no artesanato, principalmente espécies dos gêneros *Attalea*, *Orbygnia*, *Syagrus*, *Acrocomia* e *Mauritia*, são frequentemente comercializadas em feiras e mercados de muitas cidades do Brasil Central (PEREIRA 1996; LIMA *et al.* 2003).

No gênero *Attalea* destaca-se o Babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng), uma palmeira robusta e imponente de estipe isolada de 10-30 metros de altura e 30-60 centímetros de diâmetro, com 7 a 22 folhas pinadas, medindo de 4 a 8 metros de comprimento (RAMÍREZ, 2004; LORENZI *et al.*, 2010).

Trata-se de uma das espécies vegetais de grande relevância na subsistência de muitas comunidades tradicionais, já que todas as suas partes apresentam potencial de uso (LIMA *et al.*, 2003). As folhas são usadas na cobertura de casas (GALDINO, DA SILVA, 2009; REZENDE *et al.*, 2010), no artesanato (CORREIA *et al.*, 2010), o estipe na estrutura e parede das moradias, na corrida de tora e em festa tradicional dos povos Xavante e Krahô (LIMA *et al.*, 2003; NASCIMENTO *et al.*, 2009). Os frutos são usados como fonte de energia (carvão), as amêndoas como alimento e no fabrico de cosmético (LIMA *et al.*, 2003).

Esta pesquisa teve como objetivo estudar o conhecimento ecológico tradicional e o uso do Babaçu (*Attalea speciosa* Mart.) pelos quilombolas de Vila Bela da Santíssima Trindade.

QUILOMBOLAS

Definido no âmbito Federal pelo Decreto N° 4887 de 2003 no Art. 2º, como: “grupos étnicos raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. Em 2007, o Governo Brasileiro, através do Decreto nº 6.040, instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, incluindo os quilombolas nessa categoria. No artigo 3º deste decreto, entende-se como Comunidade e Povo Tradicional:

grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais; que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, regional e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição (BRASIL, 2007).

Os quilombolas são descendentes dos escravos negros que sobrevivem em enclaves comunitários, muitas vezes antigas fazendas deixadas pelos antigos grandes proprietários. Apesar de existirem, sobretudo após a escravatura em 13 de maio de 1888, a visibilidade social é recente, fruto da luta pela terra, da qual, em geral, não possuem escritura (DIEGUES, 1999).

Os quilombolas que residem em Mato Grosso são descendentes dos primeiros escravos que vieram pela monção de São Paulo. Entre 1752 e 1778, parte dos escravos era enviada para o estado, sobretudo para Vila Bela, onde eram comercializados pela Companhia Grão Pará (SALLES, 1971; VOLPATO, 1996).

Na atualidade existem 121 títulos emitidos, regularizando 988.356,6694 hectares em benefício de 109 territórios, 190 comunidades e 11.946 famílias quilombolas, além de 71 Portarias publicadas para o reconhecimento do Território e 42 Decretos de Desapropriação por Interesse Social (INCRA-DFQ, 2012).

No estado de Mato Grosso, as reivindicações em torno das terras de quilombo cresceram em visibilidade nas últimas décadas, em parte favorecidas pela expressão histórica e cultural da população negra (MACHADO, 2006).

Segundo Almeida (2006) não importa se o quilombo encontra-se localizado distante ou próximo das casas grandes ou os demais aspectos formais da definição do período colonial, pois o que mais vale é o grau de autonomia que os membros das comunidades remanescentes de quilombos historicamente adquiriram e a territorialidade específica que socialmente construíram em sucessivos atos de resistência, que resultaram em uma identidade coletiva consolidada e na garantia da persistência de suas fronteiras.

As atividades desenvolvidas pelos quilombolas estão vinculadas à pequena agricultura, artesanato, extrativismo e pesca, nas várias regiões em que se encontram, muitas vezes situadas ao longo dos rios que garantem a sua subsistência.

Quilombolas de Vila Bela da Santíssima Trindade

Vila Bela da Santíssima Trindade possui uma população majoritariamente formada por afrodescendentes, revelada pelas características fenotípicas que indicam as origens africanas deste povo e também pelos elementos culturais presentes nas manifestações religiosas (CARVALHO, 2012), facilmente observadas durante a Festa do Glorioso São Benedito, o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, comemoração religiosa que acontece anualmente no mês de julho.

O município de Vila Bela da Santíssima Trindade, Estado de Mato Grosso, está localizado entre as coordenadas: latitude 14°02'00" e 16°14'00" Sul e longitude 59°24'00" e 60°33'40" Oeste (Figura 1). Vila Bela possui uma área de 13.421,00 Km², com uma população de 14.493 habitantes e uma densidade demográfica de 1,08 hab./km². Destes, residem na zona urbana 5.166 e na zona rural 9.327, correspondendo, respectivamente, a 36% e 64% habitantes (IBGE, 2010).

O clima do município é do tipo tropical úmido ou subúmido (Am), cuja média anual varia de 24 °C e 26 °C, com 4 meses de seca (KOEPPEN, 1948). As temperaturas mais elevada são registradas de setembro a outubro, alcançando 34° C, e as amenas de junho a agosto com temperatura inferior à média anual (BRASIL, 2008). A precipitação anual é de 1.500 mm, com intensidade máxima em dezembro, janeiro e fevereiro, chegando a mais de 3.500 mm/ano em áreas com chuvas mais intensas (ROSS, 2006).

O município localiza-se na bacia do Alto Guaporé, afluente do Madeira-Mamoré, bacia amazônica. Situa-se na região de transição entre os Domínios Morfoclimáticos Amazônico e do Cerrado (AB'SABER, 1967) pela dominância de quatro unidades geomorfológicas: Planaltos Residuais do Alto Guaporé, Depressão do Guaporé, Planalto dos Parecis, Planícies

e Pantanais do Médio e Alto Guaporé, recobertos por Savana, Floresta Densa, Floresta Aberta e Floresta Semidecidual (IBGE, 2012).

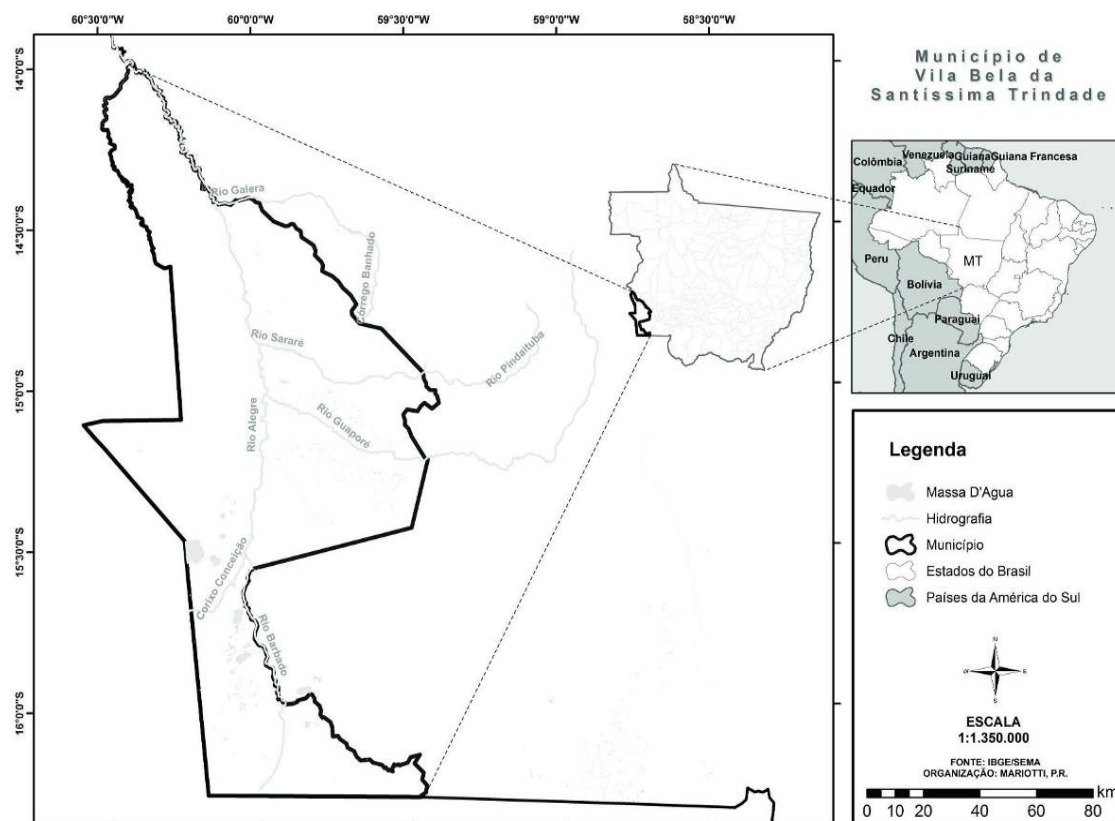


Figura 1: Localização do Município de Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso

A pesquisa foi realizada nas comunidades quilombolas Retiro, localizada à margem esquerda do rio Guaporé e direita do rio Alegre, Boqueirão, localizada na margem direita do rio Alegre, e Casalvasco e Manga, localizada à margem esquerda do rio Alegre e direita do rio Barbado. As comunidades são formadas, em sua maioria, por afrodescendentes que nasceram na região e que se autodefinem como remanescentes de quilombolas. Os quilombolas residem em sítios onde praticam agriculturas de subsistências e pecuária leiteira.

COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa foi realizada com a licença das comunidades, utilizando as assinaturas de um termo de livre consentimento e anuência prévia dos presidentes das associações às quais os quilombolas estão ligados.

Para acessar ao conhecimento ecológico tradicional relacionado à diversidade de palmeiras, foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos de coleta e análise dos dados típicos da Etnobiologia e Etnoecologia. As técnicas como entrevistas estruturadas e semiestruturadas, observação participante (GEERTZ, 1989; RICHARDSON, 1999) e história de vida (BERNARD, 2006), foram realizadas por intermédio de formulários, registros em diário de campo e registros fotográficos (VIERTLER, 2002).

Foram selecionados 32 entrevistados, sendo 13 da comunidade Retiro, 10 de Boqueirão, 8 de Casalvasco e Manga e 1 da Zona Urbana (informante-chave) (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2004). Para as entrevistas utilizou-se o método *snowball sampling* (BER-

NARD, 2006). As indicações dos informantes foram anotadas, ilustradas e analisadas com o uso do programa UCINET 6.403 e NETDRAW 2.120 (BORGATTI, 2002).

A indicação das palmeiras conhecidas foi realizada utilizando a técnica de Lista Livre, que possibilitou por meio do programa Anthropac, a identificação e distinção do Domínio Cultural da Comunidade sobre este tema, fornecendo segundo Weller e Romney (1988) um claro entendimento da definição e fronteira do que está sendo estudado. A análise da lista livre, índice de saliência de Smith, Consenso Cultural e escalonamento multidimensional (MDS) foram feitas por meio do programa ANTHROPAC 4 (BORGATTI, 1996; BERNARD, 2006).

As metodologias *snowball sampling* e lista livre já foram utilizadas para estudar o CET de plantas usadas na construção de casa tradicional (GALDINO e DA SILVA, 2009); de plantas cultivadas (MORAIS *et al.*, 2009); de plantas usadas na pesca (MORAIS; DA SILVA, 2010); de aves pantaneiras (ALMEIDA e DA SILVA, 2011) e (ALBERNAZ; DA SILVA, 2012), de locais pantaneiro (FAÇANHA; DA SILVA, 2011).

CONHECIMENTO E USO DE PALMEIRAS

Os quilombolas conhecem a *Attalea speciosa* Mart. ex Spreng como Babaçu ou Aguaçu, sendo uma palmeira robusta, imponente, de estipe solitário, de 10-30 metros de altura e 30-60 centímetros de diâmetro, com 7 a 22 folhas pinadas de 4 a 8 metros de comprimento (RAMÍREZ, 2004; LORENZI *et al.*, 2010).

Entre os quilombolas entrevistados, 100% usam o Babaçu como alimento e para a construção de moradias, 78% no feitiço de artesanato, 37% como combustível, 16% como medicinal, 6% como cosmético e 3% como adubo (Figura 2). O valor multiuso de *A. speciosa* foi observado também por Rufino *et al.* (2008) em uma comunidade em Buique, Pernambuco e Paniagua-Zambrana (2005) na Bolívia.

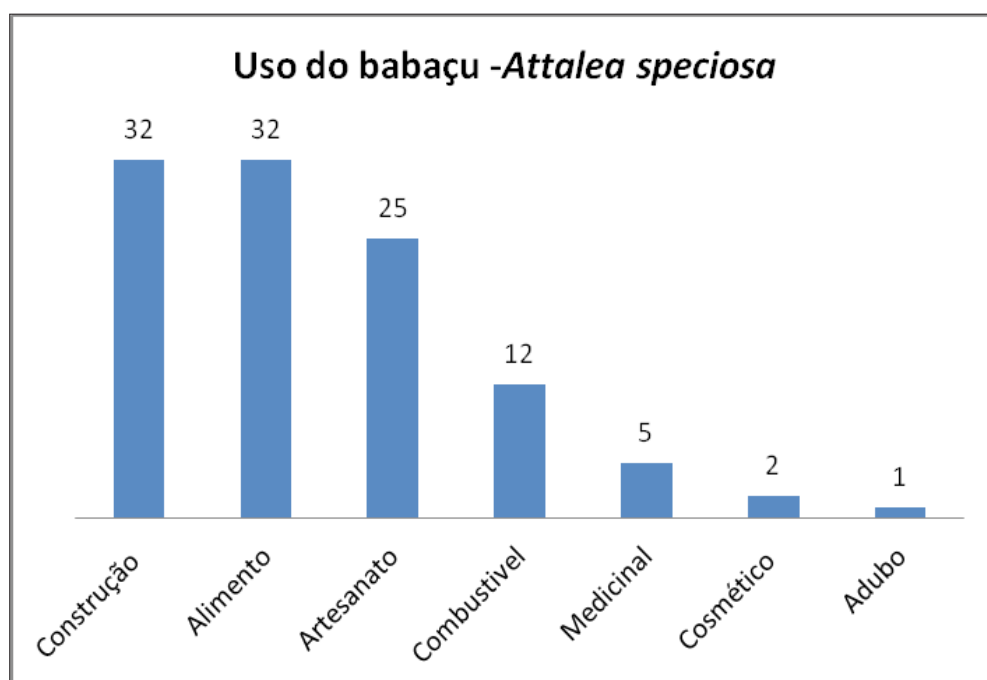


Figura 2: Categorias de uso do babaçu pelos Quilombolas de Vila Bela da Santíssima Trindade

O Babaçu (*A. speciosa*) pode ser considerado uma das espécies da família *Arecaceae* com grande relevância nas estratégias de vida de comunidades tradicionais, já que todas as partes são potencialmente usadas. Segundo Lima *et al.* (2007) é uma das espécies vegetais de maior potencial para a produção do biodiesel, devido à composição do óleo de suas amêndoas serem predominantemente láurica, o que garante um biodiesel de excelentes características físico-químicas, oferecendo maiores rendimentos em relação a outros óleos.

Nesta pesquisa, a análise do diagrama de Escalonamento Multidimensional MDS (Figura 3) agrupou as categorias de uso do Babaçu que apresentaram similaridade no centro da figura. Esse agrupamento leva em consideração a frequência (quantas vezes a categoria foi indicada) e similaridade de quem fez as indicações daquela categoria. As categorias que apresentam maior índice de semelhança estão no centro do agrupamento.

Pode-se dizer que o conhecimento dos atores em relação ao uso do Babaçu não está disperso, ou seja, não há divergência do conhecimento, e sim uma interação entre os atores sociais que compõem as comunidades Casalvasco e Manga, Boqueirão e Retiro.

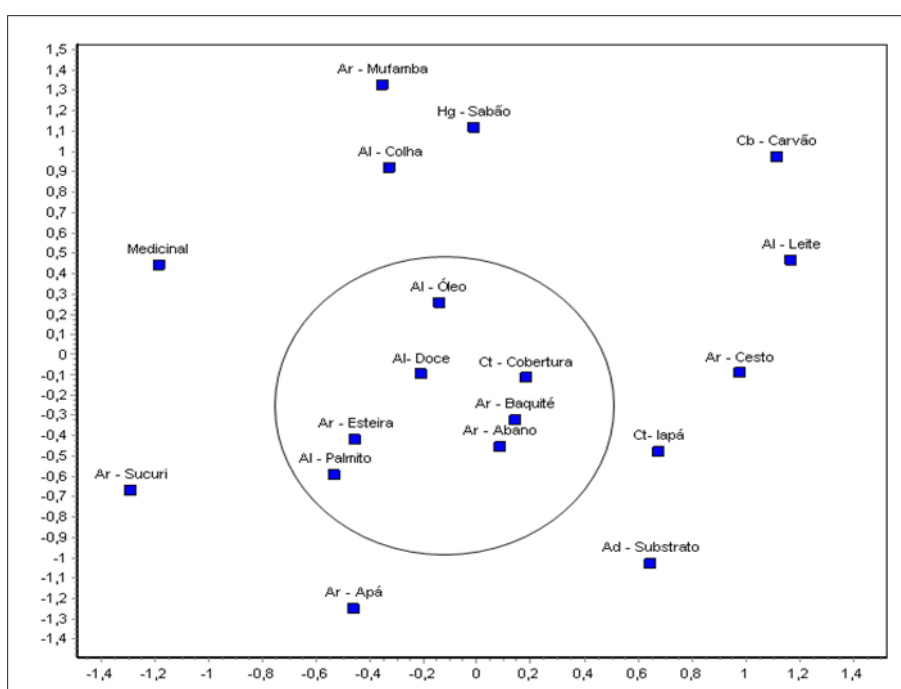


Figura 3: Diagrama de Escalonamento Multidimensional (MDS), baseado no índice de Jaccard, segundo o agrupamento do conhecimento do uso do babaçu

Legenda: Ad = adubo, Al = alimento, Ar = artesanato, Cb = combustível, Ct = construção, Hg = higiene

O uso do fruto e palmito do Babaçu na categoria alimentar obteve a mais alta frequência (100%). Do mesocarpo do fruto é feita uma farinha, usada pelos quilombolas para fazer um mingau que recebe o nome de colha. A farinha é usada também na mistura de bolos; as amêndoas são trituradas para o fabrico do doce “cocada” e leite de coco, outrora usado na culinária local em pratos como peixe e bolo de arroz; enquanto o óleo era empregado na alimentação e no fabrico de sabão. Nos dias atuais, o óleo é empregado no tempero de salada ou consumido como medicinal.

A fabricação do óleo (figura 4 - A) é uma atividade predominantemente feminina, exceto nas coletas dos cocos que contam, às vezes, com o auxílio dos homens. Essa atividade mantém a tradição do fabrico do óleo e ainda contribui com a renda familiar, fato este tam-

bém observado por Albiero *et al.* (2007) em região amazônica. Esta observação foi realizada na casa de uma quebradeira de coco na comunidade Casalvasco e Manga, que assim relatou:

Para fazer três litros de óleo são necessários quinze litros de coco quebrados e demoro dois dias para fazer. No primeiro dia quebro 10 litros de coco, no segundo mais cinco. Nesse mesmo dia trituro tudo e torro, cozinho e extraio o óleo que é vendido por 35 reais o litro. Hoje está mais fácil para fazer o óleo. Antes o coco era moído no pilão, agora eu tenho um liquidificador industrial. Assim o serviço fica mais rápido (ator, ♀ 49 anos morador de Casalvasco e Manga).

A transmissão oral do fabrico de óleo de Babaçu também foi observada na casa de uma quebradeira cujas filhas e netas ajudam no feitio do óleo. Elas participam das atividades do fabrico do óleo desde a coleta dos frutos na mata, passando pela quebra, seleção das amêndoas, trituração e cozida para liberar o óleo:

Eu quebro coco com a ajuda das minhas filhas, que me ajudam em todo o processo. Nós quebramos com um machado e um pedaço de pau, assim... (fez uma demonstração). Quando o coco é bom, logo enche a vasilha, mas as vezes demora muito: ou quando os cocos são miúdos ou quando tem muito coco podre como esse daqui (mostrou uma amêndoa brocada). Se usar os cocos deste o óleo fica rançoso 'ardido' (ator ♀, 59 anos, moradora de Casalvasco e Manga).

As castanhas quebradas e cocos estragados são usados como combustível (figura 4-B) substituindo a lenha no processo de cozimento das amêndoas trituradas para a extração do óleo. É usado também no fogão à lenha no preparo de alimento ou para assar carne substituindo o carvão, fechando o ciclo de produção, contribuindo com a proteção das florestas da coleta excessiva de madeira para fins energéticos.

De acordo com Albiero *et al.* (2007) a casca do coco devidamente preparada fornece um eficiente carvão, fonte exclusiva de combustível em várias regiões do nordeste do Brasil. As siderúrgicas estão interessadas na possibilidade da utilização do coco carbonizado como carvão vegetal, em substituição ao carvão oriundo de matas nativas.

O palmito (figura 4-C) é obtido da região próxima ao meristema apical do interior do pecíolo das folhas. Trata-se de um cilindro branco contendo os primórdios foliares e vasculares, ainda macios e pouco fibrosos. A extração implica na morte da palmeira, uma vez que o meristema apical é eliminado. Esta prática, segundo os entrevistados, já foi mais frequente no passado. No presente vem diminuindo, realizada apenas quando se pretende limpar uma determinada área. Quando isso ocorre, se vende os Babaçus para palmiteiros da região. Nesta prática o proprietário perde o recurso vegetal e ainda coloca em risco a espécie, pois várias plantas são eliminadas de uma única área. A opção de comercializar os frutos geraria mais renda.

Albiero *et al.* (2007) citando *Attalea speciosa* mostram que a venda de amêndoas de Babaçu representa para os pecuaristas uma receita líquida entorno de US\$ 4.60/ha por ano. Aparenta ser uma receita baixa, que ao ser comparado à renda proveniente da pecuária (US\$ 15.45) representa uma renda complementar de quase um quarto, proveniente de ambas as atividades.

As palmeiras podem coexistir no interior das pastagens, servindo como sombra aos animais e os agricultores podem as utilizar para fins medicinais, alimentícios, artesanais, carvão e palha (SANTOS 2011). Esta prática foi observada pelos pecuaristas nas comunidades estudadas em Vila Bela da Santíssima Trindade, que convertem o Cerrado e a Floresta em pastagem, e deixam os babaçus nas áreas de pastagens, porem sou pouco o pecuarista que o

manejam. Sendo usados por moradores que não tem a espécie em sua propriedade, e que colhem os frutos e as folhas dessas áreas.

O uso do Babaçu para a cobertura de casa (figura 4-D) foi relatado por todos os entrevistados, ou seja, uma frequência de 100% nas entrevistas. Para este uso, a parte de interesse é a folha ou palha usada para fazer o telhado de casa tradicional de pau a pique e na vedação das paredes, podendo também ser usado o estipe. Este uso foi observado por Rufino *et al.* (2008) em Pernambuco.

Em Vila Bela, as folhas são retiradas geralmente de plantas jovem, pois são de melhor qualidade para serem riscadas (corte realizado na base das pinas) e batidas (dobrar as pinas). Depois são deixadas para murchar na sombra de uma árvore, antes de serem fixadas no telhado, com o auxílio de cipós ou prego. Segundo o ator 1 (♂, 54 anos, informante-chave, morador do Boqueirão) “as palhas devem ser retiradas de manhã cedinho ou no final da tarde, preferencialmente na lua minguante para a palha não carunchar e dar broca”. Segundo Cruz (2010) são técnicas que fazem parte da construção de saberes ambiental na confecção de produtos artesanais de qualidade dessa palha, que são transmitidos pela oralidade e práticas cotidianas.



Figura 4: A - Amêndoas usadas no fabrico de óleo; B - Uso do coco como combustível; C - Cobertura do telhado, parede com folha de Babaçu e cestarias; D - Retirada do palmito.

O artesanato foi a terceira categoria de uso relevante, citada com uma frequência de 78%. A palha para este fim é colhida ainda jovem ou broto, colocada para murchar e usada na confecção de baquitê ou cesto, esteira e abano, enquanto no feitio de mufamba e sucuri se emprega a palha verde.

O artesanato constitui-se uma prática fundamental no processo educativo desses grupos sociais. O processo de aprendizagem por parte de um artesão ocorre geralmente através da transmissão de conhecimento e informações de pais aos filhos, que, por sua vez, aprenderam com seus pais e avós, transmitindo de geração a geração, todos responsáveis pela tradição e inovação do produto que ao mesmo tempo é identidade, arte, lazer, trabalho, profissão e subsistência (AMARAL, 2010).

São poucos os que sabem trançar a palha de Babaçu e fazer baquité. Além de mim conheço um lá no Boqueirão, que aprendeu comigo. Quando era mais moço ele vinha aqui em casa e ficava olhando eu fazer. Até que um dia pediu que eu o ensinasse. Aprendeu até rápido. Hoje ele faz uns diferentes de fundo comprido. O que eu ensinei era de fundo redondo. (ator 10, ♂ 78 anos, morador de Casalvasco e Manga).

A arte, fruto do trabalho e da energia do trabalhador, é aprendida através da observação, do olhar, da prática do dia-a-dia, do fazer fazendo, sem escola, mas com os mestres informais, os experientes, os mais velhos, aqueles que são responsáveis em conduzir aos novos aprendizes, seus saberes e seus “dons”, mas também responsáveis pela dinâmica do mesmo (FREIRE, 1996).

Os quilombolas de Vila Bela selecionam os brotos para serem colhidos para o feito de artesanato. Estes devem apresentar pinas longas e espaçamento médio na raque, ao serem colhidos. Como os brotos estão fechados, essas características são observadas nas palhas velhas. Segundo Amaral (2010) alguns artesãos seguem rituais específicos, selecionam as espécies entre as diversas existentes, escolhem a estação do ano apropriada, não realizam a produção próxima de pessoas consideradas “olho-gordo” ou “secador (a)” (pessoas consideradas com energia negativa).

Os principais artesanatos confeccionados com a folha de Babaçu são: baquité, esteira, abano, mufamba e sucuri. O baquité é um cesto usado para carregar ou guardar mantimentos como arroz, feijão, milho, frutas, verduras e roupa suja. Também é utilizado como ninho para postura das galinhas. Este uso foi pouco relatado nas entrevistas, mas observado em algumas casas das três comunidades pesquisadas (figura 5-A).

A esteira é um produto destinado para deitar (figura 5-B). Segundo o ator 10 (78 anos), antigamente as coisas eram mais difíceis sendo comum encontrar nas casas da comunidade esteira de palha colocada no chão para se deitar no lugar da cama, ou usada também como parede dividindo a casa. Abano é um leque (figura 5-C) usado para se refrescar em dias quentes ou para abanar o fogo no fogão de lenha. Ambos têm o mesmo trançado, confeccionado com a palha verde ou murcha que dá mais durabilidade e acabamento. O que difere um do outro é o tamanho: a esteira é maior confeccionada com uma lateral da palha, varia de 1,5-2m, se a função for para vedar paredes da casa, enquanto o abano chega a 40cm, incluindo o cabo.

A mufamba é um utensílio construído com a palha verde (figura 5-D), utilizado outrora para carregar mantimento da roça como milho, mandioca, banana e outros produtos que podiam ser carregados pela própria pessoa ou no lombo de animal: boi ou cavalo. O ator 1 (54 anos) acredita que a mufamba seja de origem indígena. Segundo ele, os negros (escravos) aprenderam a fazer e a usar a mufamba com os índios que moravam na região.

O sucuri era utilizado outrora para carregar animal vivo como frango e porco pequeno, confeccionado com a palha verde (figura 5-E). O nome faz referência ao réptil que engole a sua presa inteira. Neste caso o animal a ser transportado é colocado sob uma palha aberta, que é trançada sob o animal começando pelo pé até a cabeça, formando um casulo e deixando-o praticamente imóvel durante o transporte.

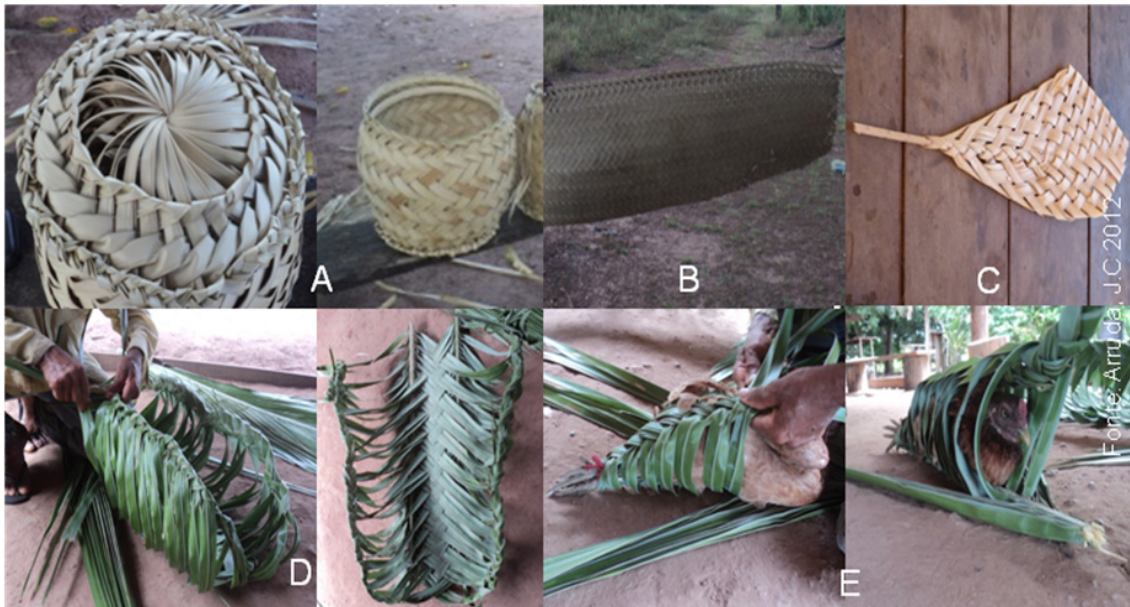


Figura 5: Artesanatos. A - Baquitê; B - Esteira; C - Abano; D - Mufamba; E- Sucuri.

A produção de artesanatos de Babaçu pode representar uma fonte de renda para as comunidades que as produzem, e também contribuir com a conservação da biodiversidade local. Ao usar parte das palmeiras no artesanato, principalmente os frutos e as folhas (palha), são necessários um manejo adequado para que não se esgotem estes recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento dos quilombolas é transmitido ao longo de sua história na região. Este conhecimento possibilitou a adaptação ao local desta comunidade, que por anos foi uma população isolada no contexto histórico do estado. Esta população não se deixou abater, conseguindo expressar as suas origens através das manifestações culturais como as danças, os hábitos, os costumes e a culinária.

A transmissão de conhecimento e as práticas foram observadas no uso e manejo das palmeiras, perpetuando assim o conhecimento, principalmente na fabricação do óleo de Babaçu e na construção de cobertura de casas com palhas.

O Babaçu *A. speciosa* apresentou uma superexploração em detrimento das atividades econômicas de extrativismo, devido à retirada do palmito e ao desmatamento para a expansão da agropecuária. A continuidade do uso desses recursos naturais não madeireiros disponíveis no ecossistema local, é um desafio permanente para a comunidade.

A produção de artesanato com o uso de palmeiras pode representar uma fonte de renda para as comunidades e a conservação do ambiente local, pois ao usar parte das palmeiras de forma contínua, é necessário um manejo adequado para que não se esgotem estes recursos.

O conhecimento ecológico tradicional das comunidades (quilombola ou não) pode servir como estratégia para a conservação ambiental, pois estas vivem e manejam o local onde estão inseridos há décadas e em algumas áreas há milhares de anos.

KNOWLEDGE AND USE OF BABAÇU PALM (*Attalea speciosa* Mart.) BY QUILOMBOLAS COMMUNITIES IN MATO GROSSO

Abstract: *the research aimed to study the Knowledge and use of palms by the Guaporés Quilombolas, using the snowball techniques, free list and participant observation. The research involved three communities and 32 respondents. The babaçu use categories were seven: food, housing, crafts, fuel, medicinal, cosmetic, fertilizer, indicating an economic alternative for communities.*

Keywords: *Amazon. Quilombolas. Arecaceae.*

Referências

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Domínios Morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil. *Orientação*, n. 3, p.45-49. 1967.
- ALBERNAZ-SILVEIRA, Ruth; DA SILVA, Carolina Joana. Conexões Ecológicas em Território Pantaneiro, Comunidade Cuiabá Mirim, entorno do sistema de Baías Chacororé - Sinhá Mariana. In: Carolina Joana da Silva e Jane Simoni. (Org.). *Água Biodiversidade e Cultura do Pantanal*. 001 ed. Cuiabá: Carilini & Caniato, 2012, v. 001, p. 13-256.
- ALBIERO, Daniel; MACIEL, Antonio José da Silva.; LOPES, Antonio Cândido; MELLO, Claudia Assad; GAMERO, Carlos Antonio. Proposta de uma máquina para colheita mecanizada de babaçu (*Orbignya phalerata* Mart.) para a agricultura familiar. *Acta amazônica*. vol. 37, p.337 – 346, jul./set. 2007.
- ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva. *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica*. Recife: Livrorápido/ NUPEEA, 2004.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara: laudo antropológico*. Brasília: MMA, 2006.
- ALMEIDA, Maria Auxiliadora de; DA SILVA, Carolina Joana. As comunidades tradicionais pantaneiras Barra de São Lourenço e Amolar, Pantanal, Brasil. *História e Biodiversidade*, Cáceres, vol. 1, n 1, p.10-31, jun./dez. 2011.
- AMARAL, Assunção Jose Pureza. Artesanato Quilombola: identidade e etnicidade na Amazônia. *Cadernos do CEOM*. v. 23, n. 32, p.61-75, jan./jun. 2010.
- BERNARD, Harvey Russell. *Research Methods in Anthropology: Qualitative and Social Mechanisms for Build Quantitative Approaches*. New York: Altamira Press. 2006.
- BORGATTI, Stephen P. *ANTHROPAC 4.0 Methods Guide*. Natick, MA: Analytic Technologies, 1996.
- BORGATTI, Stephen P. Netdraw Network Visualization. Analytic Technologies: Harvard, MA. 2002.
- BORGATTI, Stephen P.; EVERETT, Martin. G.; FREEMAN, Lin C. 2002. *Ucinet for Windows: Software for Social Network Analysis*. Harvard, MA: Analytic Technologies. 2002.
- BRASIL. Decreto N° 4887, de 20 de Novembro de 2003. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*.
- BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Comissão Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília. 2007.
- BRASIL. *Plano Amazônia Sustentável: diretrizes para o desenvolvimento sustentável da Amazônia Brasileira / Presidência da República*. – Brasília: MMA, 2008.

CARVALHO; Patrícia Marinho de. *A travessia atlântica de árvores sagradas: estudos de paisagem e arqueologia em área de remanescente de quilombo em Vila Bela/MT (e sua interface com a religiosidade afro-brasileira)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, USP, 2012.

CORREIA, Damon Alessandro Gonçalves; Lin Chau; VASQUES, Miguel PINEDO. Manejo de fibras vegetais utilizadas em artesanatos por comunidades tradicionais do parque estadual e turístico do Alto Ribeira, e seu entorno, Iporanga, SP. In: SILVA, Valdeline Atanázio da; ALMEIDA, Alysson Luiz Santos de; ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino. *Etnobiologia e Etnoecologia: Pessoas & natureza na América Latina*. 1ª ed. Recife: Nupeea, 2010.

CRUZ, Tereza Almeida. Mulheres da floresta do vale do Guaporé e suas interações com o meio ambiente. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 3, set./dez., p.913-925. 2010.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil*. São Paulo, ed. NUPAUB-USP - PROBIO-MMA-CNPQ, 1999.

FAÇANHA, Cristiane Lima; DA SILVA, Carolina Joana. Comunidade Pantaneira Barra de São Lourenço: Modo de vida e rede social. In: SANTOS, José Eduardo; GALBIATI, Carla; MOSCHINI, Luiz Eduardo. Orgs: *Gestão e educação ambiental: água, biodiversidade e cultura*. São Carlos: RiMa editora, 2011. p. 250-284.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALDINO, Yara da Silva Nogueira; DA SILVA, Carolina Joana. *Casa e Paisagem pantaneira: conhecimento e práticas tradicionais*. Cuiabá, MT: Carlini&Cniato, 2009.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. Zahar, 1989.

HENDERSON, Andrew. *The palms of the Amazon*. Oxford University Press, New York, 1995.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Sinopse do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Manual Técnico da Vegetação Brasileira*. Rio de Janeiro, 2012.

INCRA - *Instituto nacional de colonização e reforma agrária, 2012*. Disponível em <<http://www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/quilombolas>> acesso em 12/03/2012.

Koppen, Wilhelm. *Climatologia: con un estudio de los climas de la tierra*. Fondo de Cultura Económica. México. 479p, 1948.

LEITMAN, Paula; HENDERSON, Andrew; NOBLICK, Larry. Arecaceae. In: *Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2013. Disponível em <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2010/FB000053>> acesso em 09 de setembro de 2013.

LIMA, Edson S. FELFILI, Jeanine M.; MARIMON, Beatriz S.; SCARIOT, A. Diversidade, estrutura e distribuição espacial de palmeiras em um cerrado sensu stricto no Brasil Central - DF. *Revista Brasil. Bot.*, V.26, n.3, p.361-370, jul./set. 2003.

LIMA, José Renato de Oliveira; SILVA, Rondenelly Brandão; SILVA, Carmem Cícera Maria, SANTOS, Lucas Samuel Soares; SANTOS JR, José Ribeiro dos, MOURA, Edmilson Miranda; MOURA, Carla Verônica Rodarte. Biodiesel de Babaçu (*Orbignya* sp.) obtido por via

- etanólica . *Quim. Nova*, Vol. 30, N. 3, p.600-603, p. mai./jun. 2007.
- LORENZI, Harri; NOBLICK, Larry R.; KAHN, Francis. FERREIRA, Evandro. *Flora Brasileira: Arecaceae (palmeiras)*. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2010.
- MACHADO, Maria Fátima Roberto. Quilombos, Cabixis e Caburés: índios e negros em Mato Grosso no século XVIII. *Anais da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia - Goiânia*, 2006.
- MARTINS, Renata Corrêa. Arecaceae (Palmae) no Distrito Federal (Brasil). *Acta Bot. Bras.*, vol.15, n.2, pp. 288-288, mar./abr. 2001.
- MORAIS, Fernando Ferreira; DA SILVA, Carolina Joana. Conhecimento ecológico tradicional sobre fruteiras para pesca na Comunidade de Estirão Comprido, Barão de Melgaço - Pantanal Matogrossense. *Biotropica*, vol. 10, no. 3, p. 197-203, Jul./set. 2010.
- MORAIS, Fernando Ferreira; MORAIS, Rodrigo Ferreira; DA SILVA, Carolina Joana. Conhecimento ecológico tradicional sobre plantas cultivadas pelos pescadores da comunidade de Estirão Comprido, Pantanal Matogrossense, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* Belém, v. 4, n. 2, p. 277-294, mai./ago. 2009.
- NASCIMENTO, André Rosalvo Terra. Riqueza e Etnobotânica de Palmeiras no Território Indígena Krahô, Tocantins, Brasil. *FLORESTA*, Curitiba, PR, v. 40, n. 1, p. 209-220, jan./mar. 2010.
- PANIAGUA-ZAMBRANA, Narel Yaroslava. Diversidad, densidad, distribución y uso de las palmas en la región del Madidi, noreste del departamento de La Paz (Bolivia). *Ecología en Bolivia*, Vol. 40, n.3, p. 265-280, set./dez. 2005.
- PEREIRA, Benedito Alísio S. Flora nativa. In: Dias, B. F. S (Coord.). *Alternativas de desenvolvimento dos cerrados: conservação dos recursos naturais renováveis*. Fundação Pró-Natureza, Brasília, 1996. p.53-57.
- RAMIREZ, Mónica Moraes. *Flora de palmeras de Bolivia*. La Paz, ed. Universidad Mayor de San Andrés, 2004.
- REZENDE, João Bosco Azevedo; LIMA, José; MEIRA, Fernando Meira; LIMA, Paulino; TENÓRIO, Guilherme; *et al.*. Manejo de Caraná no Alto Tiquié. In: CABALZAR, Aloisio (Org.). *Manejo do mundo: conhecimento e práticas dos povos indígenas do Rio Negro, noroeste Amazônico*. São Paulo: FOIRN & ISA, 2010.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas S.A. 1999.
- ROSS, Jurandy Luciano Sanches. Ecogeografia do Brasil: Subsídios para Planejamento Ambiental. *Oficina de Textos*. São Paulo, SP. 2006.
- RUFINO, Márcio Ulisses de Lima; COSTA, Judas Tadeu de Medeiros; SILVA, Valdeline Atanasio da; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Conhecimento e uso do ouricuri (*Syagrus coronata*) e do babaçu (*Orbignya phalerata*) em Buíque, PE, Brasil. *Acta bot. Bras.*, vol.22, n.4, p.1141-1149, Oct./Dec.2008.
- SALLES, Vicente. *O negro no Pará*. Pará, Ed. Fundação Getúlio Vargas e Universidade Federal do Para, 1971.
- SANTOS, Alessio Moreira dos; MITJA, Danielle. Pastagens arborizadas no projeto de assentamento Benfica, município de Itupiranga, Pará, Brasil. *Revista Árvore*, Viçosa-MG, v.35,

n.4., p.919-930, jul./ago., 2011

VIERTLER, Renate Brigitte. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, Maria Cristina de Melo; MING, Lin Chau; SILVA, Sandra Maria Pereira. (Editores). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. Rio Claro/ SP: Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas, UNESP/CNPq, 2002.

VOLPATO, Luíza Rios Ricci. Quilombos em Mato Grosso: resistência negra em área de fronteira. In: REIS, João Jose; GOMES, Flavio dos Santos (orgs.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. p.213-239

WELLER, S Stephen C; ROMNEY, A. Kimball. *Systematic Data Collection*, Sage Publications, vol.10, California, 1988. 95 p.